

Ecoturismo ou “Éca! Turismo!”: Sustentabilidade e adaptabilidade em uma cidade mineira

David Ivan Rezende Fleischer¹

Resumo

Ecoturismo é uma modalidade de turismo que se tornou popular em pequenas cidades brasileiras com setores produtivos em declínio ou estagnados. Minas Gerais vem promovendo o meio ambiente como um cartão-postal e investindo em infra-estrutura para o ecoturismo. São Tomé das Letras, MG viu no ecoturismo uma alternativa econômica, social e ambientalmente sustentável. Nesse artigo discuto os problemas e também benefícios do ecoturismo e como se pode promover essa atividade de forma sustentável aliando a valorização e preservação do patrimônio histórico e natural. Baseado em trabalho de campo realizado no município 2002, reviso alguns aspectos econômicos e ambientais que surgiram durante a observação dos impactos do turismo em eventos festivos e outros momentos mais tranquilos.

Palavras-Chave: ecoturismo, patrimônio, meio ambiente, Minas Gerais.

¹ David Ivan Rezende Fleischer é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da University at Albany, State University of New York. Department of Anthropology, Arts and Science Building, Room 237, State University of New York, 1400 Washington Avenue, Albany, NY 12222. E-mail: david_ivan@uol.com.br

Abstract

Ecotourism is a type of tourism that was popularized in small towns of Brazil that have stagnant productive sectors (agriculture and mining). Minas Gerais has been promoting natural environments as tourist attractions with investments in ecotourism infrastructure. São Tomé das Letras has found in ecotourism an alternative form of economic, social and environmental sustainability. In this article I discuss the problems and benefits of ecotourism and forms of promoting this activity in a sustainable way, combining preservation of the local natural and historical heritage. Based on fieldwork done in 2002, I review some economic and environmental aspects that became evident during the observation of the impacts of tourism in festive events and other regular weeks periods.

Key Words: ecotourism, heritage, environment, Minas Gerais.

Ecoturismo

Atualmente, o ecoturismo se tornou uma atividade importante na economia de pequenas cidades no interior do Brasil, de acordo com dados do SEBRAE e Secretarias Estaduais de Turismo. Essa atividade se compõe de diversos aspectos. Para citar os mais importantes, o ecoturismo: (1) está vinculado a um ambiente preservado, ou pelo menos que ainda mantenha parte de suas características naturais, perfazendo uma atratividade natural prístina – aos olhos de quem visita; (2) utiliza-se de guias, ou rotas guiadas, direcionadas para a apreciação das belezas naturais composta por fauna, flora, corpos d'água, formações rochosas, e clima; (3) oferece oportunidades de lazer em forma 'rústica', permitindo ao visitante um contato direto com o meio a sua volta, por exemplo com banhos de cachoeira, caminhadas no meio da mata, escaladas de monta-

nhas, visitas à cavernas, entre outras opções; (4) está distante, ou ao menos destacado do espaço urbanizado, desvinculando-se de elementos comuns a grandes centros urbanos como trânsito, poluição (química, sonora, visual), multidão, prédios, ruas asfaltadas e (5) mais importante ainda, disponibiliza ao turista a possibilidade de se desligar do cotidiano marcado pelo trabalho e rotina, geralmente em centros urbanos, para relaxar e desfrutar dessas características que hoje ele encontra com mais facilidade nesses destinos de ecoturismo. Dessa forma, o ecoturismo exige um espaço físico que comporte e contenha as características listadas acima (Honey 1999, Smith & Eadington 1995).

Na maioria dos casos, os pontos onde se desenvolve o ecoturismo estão contidos em municípios com extensa área geográfica e de reduzida área urbana. Minas Gerais possui diversos municípios com essas características e aliado a isso a localização próxima dos principais centros urbanos nacionais. São Tomé das Letras, no sul do estado de Minas Gerais representa esse conjunto de municípios. Possui uma área geográfica de aproximadamente 360 km² e população de 6.500 (IBGE 2000). Seu espaço urbano não ocupa nem 10% desse total e a área rural possui inúmeros atrativos naturais que incluem cachoeiras, cavernas, *canyons*, trilhas naturais e natureza exuberante e bastante preservada. Aliás, esses atrativos naturais foram o que atraíram os primeiros visitantes a essa localidade. Muitos destinos ecoturísticos costumam se utilizar da sede do município como ponto de encontro, local de hospedagem e alimentação, vida noturna e eventos culturais. São Tomé das Letras, no seu reduzido espaço urbano, possui uma concentração de bares, restaurantes, pousadas e hotéis. Oferece música ao vivo, e eventos festivos em datas específicas ao longo do ano. Dessa forma, a cidade conseguiu aliar a atratividade principal (ecoturismo) com a conveniência e comodidade que o espaço urbano pode proporcionar (Zenner 2002).

Entretanto, promover apenas o ecoturismo não garante visitantes para o município, afinal, ao redor de São Tomé das Letras estão outras oito cidades que oferecem os mesmos tipos de atrativos. Para conquistar os visitantes e construir uma imagem de autenticidade, a cidade adotou um discurso alternativo aos municípios vizinhos. A discursividade está vinculada ao esoterismo e ao misticismo. São Tomé das Letras passou a ser percebida como local propício a pouso de objetos voadores não identificados (OVNIS), aparições de duendes e manifestações de seres fantásticos e fantasmagóricos. As muitas lendas que fazem partes do folclore local já incorporaram de alguma forma esse esoterismo. Uma lenda local é a do Cantagalo, animal fantástico que protege as matas de madeireiros e os animais dos caçadores. O Cantagalo, que tem cabeça e rabo de galo, mas corpo comprido e garras de onça aparecem para assustar os que estão prestes a cometer algum delito. A preocupação com a preservação do meio ambiente também faz parte do folclore local. A geografia da vila, situada no topo de uma montanha de quartzo e rodeada de vales, também estimula histórias de visitas de extraterrestres e aterrissagem de OVNIS, que muitos moradores locais dizem estar associados à atratividade das pedras e localização elevada. Os discursos locais que validam a autenticidade de São Tomé das Letras como localidade turística têm origem em teorias de ufologia e esoterismo. Os elementos fantásticos e histórias têm valor e qualidade próprias de São Tomé das Letras. As cidades vizinhas não compartilham dessa cosmologia.

São Tomé das Letras se estabeleceu como um dos principais locais de refúgio para boa parte dos moradores de São Paulo e Belo Horizonte. Muitos estabelecem residência no local depois de visitar como turistas. A cidade possui diferentes qualidades para estes novos residentes. A paisagem da região, marcada por vales ao redor da cidade, que está encravada no topo de uma montanha foi e ainda é o principal atrativo para esses moradores trocarem as duas regiões metropolitanas por esta pequena

cidade. A presença desses novos moradores contribuiu para que a cidade incorporasse elementos culturais diferentes, transformando a cidade num pólo de atração para místicos e esotéricos (Fleischer 2003).

O município de São Tomé das Letras foi incorporado recentemente a um circuito de ecoturismo chamado “Circuito Turístico Vale Verde e Quedas D’Água”, que inclui São Tomé das Letras e Carrancas, Lavras, Três Corações, Itumirim, Carmo da Cachoeira, Luminárias, Ingaí e São Bento Abade. O objetivo da criação deste novo circuito turístico foi reunir localidades com características naturais muito semelhantes ao que descrevi acima para São Tomé das Letras. Alguns esportes foram incorporados dentro dessa região que perfaz o Circuito e são uma nova forma de integração de lazer com o meio natural. São eles o *rappel*, *trekking*, escalada, *mountainbiking* e enduro. São Tomé das Letras investe em ecoturismo dentro desse circuito por ser o que tem maior área rural e maior número de atrativos naturais. Os outros municípios, como Três Corações e Lavras, tem maior área urbana e agricultura extensiva o que compromete a exploração de atrativos naturais. Os comerciantes em São Tomé das Letras vêm investindo em infra-estrutura com a construção de restaurantes, pousadas e bares para melhor atender o turista que vem passar o final de semana e descansar. A prefeitura vem investindo em infra-estrutura dos serviços públicos e saneamento básico e ainda em fase de estudo de um plano de valorização do patrimônio histórico tombado para ser incorporado como importante atrativo turístico. A exploração turística desse atrativo ainda não tem autorização do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). O que vem ocorrendo em São Tomé das Letras são diferentes forças atuando em relação ao ecoturismo. A câmara municipal percebeu que existe uma necessidade de estimular o ecoturismo como alternativa econômica para o município, mas ainda precisa programar as formas de estímulo, como, por exemplo, realizar um zoneamento do município e logo

em seguida um plano de exploração turística. A prefeitura ainda se encontra oscilante em relação ao ecoturismo porque tem ainda fortes vínculos e interesses na atividade mineira. O turismo tem força de política pública, mas ainda precisa vencer obstáculos burocráticos e de interesses políticos locais.

A cidade possui rico patrimônio cultural com um centro histórico tombado pelo IEPHA/MG. Estão incluídos nesse tombamento a Igreja Matriz e a capela de Nossa Senhora do Rosário, um conjunto de casarões antigos, passos coloniais, além de um acervo de peças de arte sacra; tudo referente ao terceiro período do Barroco Mineiro. Desse período, segundo dados do IEPHA/MG, resta apenas um pequeno acervo, e São Tomé das Letras possui o conjunto mais expressivo.

A construção típica de São Tomé das Letras é feita com lascas de pedra de quartzito. Essas lascas que os pedreiros chamam de *folhas*. Empilhadas uma em cima da outra, fazem um encaixe perfeito, não deixando nenhuma fresta e dispensando cimento ou argamassa. Por dentro, alguns rebocavam a parede com adobe e pintavam. O chão costumava ser de cimento queimado e o telhado, possuía madeiramento feito de árvores do cerrado e costumava ser coberto com *telhas de coxa* (conta-se que eram moldadas nas coxas dos escravos e depois postas pra secar ao sol). Janelas e portas são no estilo colonial, todas em madeira, fechavam o conjunto. Atualmente poucos casarões que foram construídos dessa forma ainda estão de pé. A cidade tem perdido parte do aspecto original com a destruição dos casarões de pedra e construção de novos edifícios de alvenaria. A prefeitura não tem uma política clara de incentivo à preservação da forma tradicional de construção civil e a população prefere seguir construindo em alvenaria, considerada por muitos como a forma mais fácil e barata de construção. Os defensores das construções tradicionais em pedra não encontram apoio de outros moradores, que não tem paciência para esperar pela construção de sua casa na forma tra-

dicional, que exige mais tempo, é mais laboriosa, e pode às vezes custar mais caro. Poucos pedreiros e mestres de obra se aventuram em construir casas de pedra. A facilidade de se conseguir tijolo, cimento e telhas industriais na região também desestimula a construção tradicional. É importante ressaltar a polissemia sobre o que confere autenticidade à cidade de São Tomé das Letras. Nem todos os moradores locais identificam a construção tradicional como um atrativo turístico. Os moradores mais antigos preferem as casas modernas e consideram as casas de pedra antiquadas e pertencentes ao passado simples e pobre do vilarejo. São os novos moradores, que se mudaram pra São Tomé das Letras recentemente que valorizam as casas tradicionais por nostalgia de um vilarejo simples e rústico, exatamente da forma que conheceram na década de 1970.

A responsabilidade pela preservação desse patrimônio é do IEPHA/MG e da prefeitura de São Tomé das Letras. Tombados ainda na década de 1970, esses bens não receberam manutenção nos últimos 30 anos. Muitos estão danificados ou totalmente depredados. O governo municipal atual que foi reeleito em 2004 (2000-2008) tomou conhecimento do tombamento em 2001, quando um grupo de recém-eleitos vereadores instaurou na Câmara Municipal uma comissão para identificar possíveis tombamentos de áreas consideradas expressivas da identidade e historicidade do local e a preservação desse patrimônio histórico e natural do município. O intuito era preservar o ambiente natural da degradação pelo ecoturismo e mineração. Ecoturismo, apesar de vinculado a preservação ambiental, possui potencial de impacto ao meio físico se não houver um correto plano de manejo. Ao contatar o IEPHA/MG para verificar a possibilidade de tombamento de um parque recém criado, essa comissão descobriu que o município já possuía bens tombados. Atualmente, a Câmara Municipal possui uma Comissão de vereadores, que tem trabalhado pela proteção, restauração e promoção desse patrimônio histórico. A Comis-

são quer também incluir no Livro do Tombo do IEPHA/MG – documento utilizado pelos órgãos de patrimônio para registrar bens patrimoniais necessários de preservação continuada – algumas belezas naturais locais. Seriam elas formações rochosas, cachoeiras e grutas que constituem a topografia única de São Tomé das Letras. É importante mencionar aqui que São Tomé das Letras se constituiu como cidade no topo de uma montanha incrustada entre gigantes pedras de quartzo. Muitas dessas pedras possuem formas curiosas que as tornaram pontos de interesse turístico. A preocupação em preservar essas pedras, e as diversas cachoeiras e grutas é uma resposta ao crescimento urbano desordenado, que está avançando sobre esses atrativos. O objetivo é preservar as características do município e com isso atrair mais turistas para a região.

As pessoas que decidem viajar, geralmente o fazem com objetivos de adquirir para si *virtude*; aprimorar seus conhecimentos de artes; conhecer outros lugares e aprimorar seu estilo; buscar um reconhecimento perante amigos de ser uma pessoa culta e viajada; ou para minimizar seus preconceitos e adquirir uma visão mais imparcial. Dessa forma, os lugares são apenas mecanismos intermediários que possibilitarão a conquista dessa virtude (Tucker 1757). Adicionado a isso, temos o ecoturismo que incorpora a sensação de destacamento da vida cotidiana e contato com uma realidade idealizada, um local considerado intocado.

Éca! Turismo!

Em geral, o ecoturismo costuma trazer problemas como (1) o número de visitantes, sempre maior do que deveria ser para as proporções do lugar; (2) uma super utilização de recursos locais, como água potável, sistema de esgoto, energia elétrica; (3) uma produção de lixo e resíduos

além do que a cidade pode suportar; (4) um impacto sobre o meio ambiente com infra-estrutura para receber os visitantes, como a construção de rodovia, hotéis e serviços; e (5) impacto sobre a dinâmica social com deslocamento de populações e exclusão social (McLaren 2003:92). Esse último aspecto é comum na maioria dos projetos de desenvolvimento turístico. No caso de São Tomé das Letras houve um deslocamento da população da área rural para a área urbana por diferentes motivos como o fechamento de algumas áreas de extração mineral e o abandono das áreas de cultivo agrícola por falta de mercado. O desenvolvimento do ecoturismo no município teve pequeno impacto nesse deslocamento que já vinha ocorrendo anteriormente. De qualquer modo, a população do município, desde 1970 é mais urbana que rural e vem participando cada vez mais em atividades direta ou indiretamente relacionadas com o turismo. De acordo com dados do IBGE, no Censo de 1970, São Tomé das Letras tinha 631 habitantes na área urbana e 6.165 na área rural. No Censo de 2000, São Tomé das Letras tinha 3.129 moradores na área urbana e 2.977 na área rural (IBGE 2000). Os quatro primeiros pontos, que listei no início deste parágrafo, são contraditórios com o discurso do ecoturismo, que se propõe sustentável, limpo, ecológico, reciclável – todos os adjetivos valorativos utilizados pelos ambientalistas e acadêmicos de ecoturismo. Para Honey (1999), ecoturismo pode ser identificado como “responsible travel to natural areas that conserves the environment and improves the well-being of local people” (1999:6). O principal problema de São Tomé das Letras é a falta de manejo do ecoturismo. As iniciativas de ecoturismo na cidade ainda são do setor privado e se dão de forma desordenada. Cada empresário coloca em ação o que ele acredita ser melhor para o turista e para o sucesso de seu empreendimento.

Ecoturismo promove uma supervalorização de atrativos naturais de um destino, e isso pode ocorrer em detrimento de outros como o histó-

rico, artístico e cultural. Como o ecoturista (ou grupo de ecoturistas) vem ao município para usufruir os atrativos naturais, seu interesse pelo patrimônio histórico é limitado. Para o ecoturista que visita São Tomé das Letras, igrejas antigas ou velhas casas coloniais não são os pontos que serão visitados. Eles avistam esse patrimônio *en passant*, *en route* para as cachoeiras, *canyons* e cavernas. Mas devemos considerar que, apesar de o ecoturista não se interessar pelo patrimônio, a apresentação visual desses bens tombados é um elemento importante que contribui para a imagem da cidade. O ecoturista tem objetivos específicos de explorar a natureza, de usufruir destinos naturais. O espaço urbano não é para o ecoturista autêntico destino de ecoturismo, é apenas uma estação, um dos vários meios por onde passa para chegar a seu destino: aeroporto, rodoviária, cidadela de onde partem *tours* para cachoeiras (Kirshenblatt-Gimblett 1995). A autenticidade do destino de ecoturismo está na sua característica de ser rústico, natural, preservado (Zurick 1992, Walsh 2005; MacCannell 1999). Mas existe uma contradição fundamental entre a atividade de ecoturismo e o conceito de natureza. West e Carrier argumentam que o ecoturismo tem uma tendência de “lead not to the preservation of valued ecosystems but to the creation of landscapes that conform to important Western idealizations of nature through a market-oriented nature politics” (2004:485). Então, por detrás de uma retórica de preservação, o ecoturismo está negociando valores de mercado e ideologias estrangeiras referentes a gostos e desejos dos turistas.

O patrimônio histórico da cidade, apesar de ser tombado, sofre os impactos diretos do ecoturismo. São bens tombados que vêm sofrendo depredação principalmente em momentos festivos. Faltam projetos de educação ambiental e patrimonial; a cidade fica tomada por foliões, e o contingente policial não costuma ser suficiente para auxiliar na proteção de todos os espaços. Parte do problema está na composição social do grupo de turistas que vem a São Tomé das Letras. É composto pre-

dominantemente por turistas de classe média alta provenientes de grandes regiões metropolitanas como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro e que programam suas visitas a São Tomé das Letras em razão do extenso grupo de atrativos naturais oferecidos pelo município, vinculado à preços acessíveis de pousadas e restaurantes locais e proximidade geográfica para visitar em pequenos períodos, como finais de semana e feriados. Assim, cachoeiras, *canyons*, trilhas na mata e sites de camping são preferidos e os edifícios históricos e o complexo urbanístico tombados preteridos (Clifford 1985, Canclini 1994). Isso não quer dizer necessariamente que os bens históricos irão sofrer mais depredação que os bens naturais. Contudo, a falta de atenção do poder local e a falta de conscientização da fragilidade de edificações, ornamentos e detalhes decorativos aumentam os riscos de danos e degradação.

Uma característica de São Tomé das Letras, que interfere na execução de políticas de preservação está no fato de a maioria das casas da cidade ser de propriedade de turistas. Estes passam pequenas temporadas, não fixam residência, não incorporam problemas da cidade e se alienam de qualquer atitude pró-ativa. Essa característica de cidades turísticas que se localizam próximas de grandes centros urbanos é prejudicial aos planos e iniciativas de preservação e promoção do patrimônio histórico e artístico da cidade. Os turistas que compram propriedade em São Tomé das Letras, seja um espaço comercial que funcionará somente durante os finais de semana ou uma residência que será usada como casa de veraneio possuem pouco vínculo com os problemas eminentes na cidade. Eles pagam impostos sobre propriedades e taxas públicas, mas essa obrigação tributária também não significa engajamento cívico ou social em causa do patrimônio porque a ausência física desses ‘moradores’ por tempo prolongado impede um engajamento. Todas as recentes iniciativas de proteção do patrimônio partiram de alguns vereadores na Câmara Municipal em consulta à população local. Somente quem está

fisicamente presente no município pode atender às audiências públicas e deliberar sobre as iniciativas propostas. Esses moradores sazonais vêm para usufruir as qualidades turísticas do município sem se ‘amarrar’ a obrigações cívicas. Isso parece ter se tornado um padrão em cidades turísticas onde muitos estabelecimentos comerciais são operados por moradores sazonais. Paniagua (2002) também notou isso em três cidades espanholas: Girona, Guadalajara e Ciudad Real. Nessas três cidades, a migração de novos moradores causou um conflito com moradores mais antigos porque a participação em processos políticos e sociais não era equânime. Os novos moradores trabalhavam com turismo, e tinham horários muito flexíveis e não permaneciam na cidade por tempos prolongados, não participando de diferentes fóruns de discussão sobre planejamento urbano e sobre políticas de desenvolvimento local. No entanto, seus empreendimentos tinham impactos na vida da comunidade. O mesmo ocorre em São Tomé das Letras.

Poucos estudos sobre turismo discutem essa relação do turista com problemas da cidade. A maioria dos estudos de turismo está preocupada com a relação do turista com os moradores; com situações onde o turista é somente um visitante; e com sua relação momentânea e passageira com o local turístico (ver Rojek & Urry 1997; Dahles & Keune 2002). Quando o turista compra uma propriedade no local turístico, essa relação entre turista e morador se transforma. Apesar das ausências, o turista tem um vínculo mais permanente e intenso que o visitante esporádico. Mesmo assim, o turista não é um morador porque não vive o cotidiano da cidade. Porém, quando se focaliza o patrimônio histórico em pontos de ecoturismo, nem o turista esporádico nem o ‘morador sazonal’ vão ter qualquer vínculo. Todos os turistas que possuem casas em São Tomé das Letras estão interessados na tranquilidade do lugar e nos atrativos vinculados à natureza. O turista não se transforma em morador somente por adquirir propriedade.

Além disso, o município não possui amparo de legislação ambiental já existente como, por exemplo, estar inserido em uma área de proteção ambiental (APA). Não possui, portanto, plano de manejo ou zoneamento ambiental. Em estudo realizado na APA – Carste de Lagoa Santa, demonstrei que a alternativa para a preservação dos mais de 100 sítios arqueológicos tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi a criação da APA e a efetivação do zoneamento ambiental (Fleischer 2000). No caso de uma APA, proteção e manutenção do patrimônio ficam a cargo de órgãos ambientais como o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) e o CODEMA (Conselho Municipal de Conservação, Defesa e Desenvolvimento do Meio Ambiente) e em Lagoa Santa, a criação da APA foi justificada não só pela presença de patrimônio arqueológico mas também de patrimônios espeleológico e hídrico. Estar inserido em uma APA é, portanto, uma opção idealmente mais viável para a preservação de patrimônio. Interessante observar como no Brasil o problema da conservação do patrimônio histórico passou a contar com amparo da legislação ambiental, talvez porque os órgãos ambientais (IBAMA e CODEMA) tenham mais capacidade institucional de impor regras, sanções e penalidades que órgãos de patrimônio (IEPHA/MG e IPHAN) com legislação ambiental. O patrimônio histórico tem respaldo e proteção do IPHAN principalmente em regiões metropolitanas que não somente têm um rico acervo histórico e artístico, mas também são pontos turísticos centrais. Locais periféricos no mapa turístico nacional como Lagoa Santa e São Tomé das Letras necessitam de outros mecanismos (legais, políticos, econômicos) para viabilizar a proteção de seu patrimônio. São nesses lugares onde o IBAMA tem maior presença de atuação que o IPHAN ou IEPHA/MG.

São Tomé das Letras possui um rico patrimônio histórico, mas este patrimônio está desvinculado do patrimônio natural porque está locali-

zado em zona urbana. A preservação de patrimônio histórico situado em área urbana é de competência exclusivamente de órgãos de patrimônio como o IPHAN ou IEPHA/MG. Órgãos ambientais auxiliam na proteção de patrimônio que esteja inserido em algum tipo de área de proteção ambiental. Quando se cria uma APA, possivelmente existem bens arqueológicos ou históricos, tombados, além de bens naturais. Esse seria o caso da APA – Carste de Lagoa Santa, que possui mais de 100 sítios arqueológicos tombados pelo IPHAN e que são protegidos pelo IBAMA (Fleischer 2000). Não é a desvinculação que inviabiliza iniciativas de proteção por parte de órgãos ambientais, mas a falta de bens naturais (ambientais) que justifiquem a participação desses na proteção. Outro aspecto que se deve considerar sobre a atividade ecoturística é a ausência de uma legislação ambiental específica para o desenvolvimento de atividades de ecoturismo. O IBAMA possui normas apenas para a exploração turística de cavernas tendo em vista a fragilidade desses ecossistemas e a possível existência de significativo acervo espeleológico e arqueológico em seus interiores. Fora isso, a exploração ecoturística de rios, cachoeiras e paredões fica a critério do poder local através de sua Câmara Municipal e Secretarias Municipais de Turismo e Meio Ambiente. Interessante notar que o município de São Tomé das Letras criou uma Secretaria responsável por turismo e meio ambiente. O município de São Tomé das Letras possui apenas normas quanto à disposição do lixo nas cachoeiras e trilhas, mas não possui fiscais pra instruir e reprimir. O lixo tem sido um dos principais problemas que o município enfrenta e um dos mais difíceis de solucionar tendo em vista a extensa área geográfica e a fiscalização insuficiente e inadequada. E se torna mais difícil ainda controlar este tipo de depredação quando a idéia de ‘ecoturismo’ não está (ainda) compreendida nas leis ambientais federais. Quando o município está inserido em uma APA, o zoneamento se torna obrigatório e o plano de manejo imprescindível. Nessa situação, o ecoturismo pode ser operacio-

nalizado de forma sustentável e com controle dos impactos. Entretanto, quando o município não está inserido numa APA, a atividade de ecoturismo pode ser tornar um risco para a sustentabilidade da localidade se explorado de forma desregulada.

Em São Tomé das Letras existem atividades desportivas que vêm sendo associadas com o ecoturismo. São esportes de aventura como *motocross*, *mountainbiking*, e *rappel*. Esses esportes nem sempre promovem resultados positivos. As motos e as bicicletas vêm causando erosão, asso-reamento de margens de rios porque os traçados dos percursos não levam em consideração a fragilidade de certos solos. O *rappel* vem depre-dando e destruindo paredões de pedra e paredes de cavernas por que os usuários desgastam a rocha além de fincarem estacas que fragilizam a rocha. São Tomé das Letras tem hoje em dia, como parte de seu calen-dário de eventos campeonato de *motocross* e outro de *mountainbiking*. Esses dois campeonatos fazem parte de circuitos nacionais e atraem um grande contingente de turistas e conta às vezes com centenas de participantes. Como esses visitantes (participantes e espectadores) estão se hospedando e consumindo (restaurantes, artesanato, *souvenires*), sua presença na cidade é muito positiva para a economia local.

Diante desse cenário de um patrimônio histórico relegado ao se-gundo plano e de uma atividade ecoturística com sustentabilidade am-biental comprometida, cabe indagar se em São Tomé das Letras o eco-turismo deixou ser ecológico e passou a ser somente econômico. Pode-mos dizer que sim e não, ao mesmo tempo. O ecoturismo é sim um importante fator de desenvolvimento econômico, principalmente em municípios onde outras atividades econômicas – como a mineração, agri-cultura e pecuária – apresentam sinais de declínio ou já estão em fase de estagnação. Ecoturismo gera empregos; incorpora a força de trabalho de outros setores produtivos; contribui para o desenvolvimento local, atraindo investimentos do setor público e privado e; melhora a qualidade

de vida da população local. Mas o ecoturismo também tem seu componente ecológico: com a valorização da fauna, flora e belezas naturais, colocam-se em evidência suas qualidades e estimula-se assim a sua preservação. A introdução do ecoturismo pode contribuir para uma mudança no comportamento e atitude das pessoas envolvidas: visitantes e moradores passariam a entender que os atrativos ecoturísticos contribuem socialmente para o município e passariam a zelar por sua preservação. Vivanco (2001) demonstra que com a valorização do *quetzal*, pássaro-símbolo nacional da Costa Rica, como símbolo de exuberância da natureza e da beleza das florestas tropicais do país, promoveu-se um desenvolvimento de diversos locais ecoturísticos onde os visitantes poderiam avistar esses pássaros e também iniciou um processo de recuperação de matas nativas para atrair novamente o pássaro. Com o desmatamento e abertura de áreas de plantio e pastagem, o pássaro havia desaparecido da região. Foram criadas diversas reservas naturais, algumas privadas, outras públicas, e o pássaro retornou para seu *habitat* recuperado.

Apesar de ter uma grande área rural cultivável, muitos agricultores em São Tomé das Letras desde 1970 vêm progressivamente vendendo suas propriedades para os turistas e moradores sazonais ou convertendo-as em pousadas rurais dedicadas ao ecoturismo e ao turismo rural. A falta de subsídios do governo para a agricultura e o reduzido mercado para produtos agropecuários inviabilizaram essas micro e pequenas propriedades rurais no longo prazo. O ecoturismo passou a ser importante fonte geradora de renda para o município e sua proximidade com São Paulo e Belo Horizonte viabiliza o fluxo contínuo de visitantes, principalmente nos finais de semana. Como atividade econômica, o ecoturismo é ecológico quando comparado com outras iniciativas que não têm no meio ambiente sua principal atração, como é o caso da mineração e da atividade industrial; como atividade turística é também ecológico se compa-

rado a outros tipos de turismo. Em São Tomé das Letras a mineração ainda é a principal fonte geradora de empregos e detém da maioria das terras dentro do município e em municípios adjacentes. A baixa eficiência do maquinário utilizado na mineração das pedras de São Tomé impede que a extração seja concentrada. Como não conseguem dinamitar profundamente nem acessar o quartzito que está abaixo de 10 metros de profundidade, torna-se mais viável abrir novas minas e assim extensas áreas vão sendo consumidas rapidamente pela mineração.

As mineradoras que atuam no município são de propriedade de empresários locais. A mão de obra é do próprio município ou municípios vizinhos. Nos últimos 20 anos, a mineração avançou progressivamente sobre a topografia do local. A extração de quartzito foca um formato específico de pedra – as lascas ou folhas – que têm como destino final a construção civil: a pedra de São Tomé é utilizada principalmente para pisos e acabamentos, e em fundações de edifícios como elemento estabilizador. Esses usos são muito diferentes do uso inicial em construções dentro de São Tomé das Letras e contribuíram para inflacionar o preço do produto no mercado. Segundo os operários das mineradoras o aproveitamento do quartzito não passa de 40% de toda extração mineral. Todo o resto vira dejetos e deve ser acomodado em montanhas de pedra com altura máxima de cinco metros. Estas montanhas modificam a topografia da cidade construindo um horizonte de montanhas quadradas e sem cobertura vegetal. Além disso, as mineradoras usam dinamite que fragilizam as estruturas de edificações tombadas, e usam caminhões pesados que danificam o pavimento das ruas. Frente à atividade de mineração, o ecoturismo possui todas as credenciais de uma atividade econômica e ecologicamente sustentável. O desenvolvimento do ecoturismo está em direto conflito com a mineração. A lógica do ecoturismo está principalmente vinculada à conservação: é uma atividade que exige um

planejamento calculado, que leve em consideração possíveis impactos aos recursos naturais e alternativas para uma execução sustentável.

Como explicado anteriormente, os turistas não têm vínculos com a cidade, estão em trânsito fazendo turismo. Para eles os problemas da cidade são sempre de responsabilidade de seus moradores. Eles estão em São Tomé das Letras para descansarem e se divertirem. Se tivessem que se engajar na resolução de problemas, não teriam eleito aquele lugar como o destino de suas férias; teriam ido para outro lugar. O local turístico é construído de simulacros (Baudrillard 1983), assim como o local ecoturístico. No caso do ecoturismo, a exuberância da natureza, a tranqüilidade das águas cristalinas, os sons de pássaros e animais, e o vento fresco constituem alguns desses simulacros. Apesar de serem elementos naturais e reais, representam imaginários de um lugar natural, intocado, distante, puro e virtuoso; exatamente o que o ecoturista de grandes centros urbanos procura. O valor histórico do patrimônio também é constituído de representações simbólicas de tempos passados. O período Barroco representa a importância histórica dessas cidades mineiras no período colonial e sua importância na construção da história do estado de Minas Gerais. Muitas cidades mineiras como Congonhas, Tiradentes, Ouro Preto, Diamantina e São João Del Rei têm sua indústria de turismo baseada na valorização desse acervo histórico. Muitos turistas procuram essas cidades com o objetivo de conhecer melhor essas partes da história. São Tomé das Letras também se utiliza simulacros, ou representações simbólicas que identifiquem o local como natural, belo, preservado, histórico, turístico, ecológico, místico. Essa cidadela quer utilizar todas as qualidades que possui para atrair o maior número de turistas. A composição do grupo de turistas que visita São Tomé das Letras é diversificada. Existem os que se interessam mais pelos atrativos naturais, existem os que preferem o ar pitoresco e bucólico da parte urbana, e sua arquitetura distinta. A cidade ainda está consolidando sua identidade de

destino de turismo e possui diversas qualidades que agradam diferentes grupos de visitantes.

Éca ou é eco?

São Tomé das Letras recebe turistas desde 1980. Mas antes, ainda durante a década de 1970, a cidadela já recebia visitantes, vindos de São Paulo atraídos pela beleza do lugar e pelas histórias esotéricas e místicas que acabaram identificando o lugar. Esses foram os primeiros visitantes que depois se tornaram moradores. Muitos se mudaram para São Tomé das Letras porque encontraram no local uma alternativa de vida mais saudável e tranqüila do que o oferecido em áreas metropolitanas como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Depois de estabelecidos, esses novos moradores começaram a abrir pousadas e restaurantes para receber turistas. Inicialmente os turistas que vinham eram familiares desses novos moradores, mas a cidadela se popularizou, em meados de 1990, como localidade alternativa e esotérica dentro do conhecido roteiro turístico do “Circuito das Águas”.

As condições da cidade eram precárias nessa época. Não havia luz elétrica ou saneamento básico e o acesso à cidade era de estrada de terra que durante a estação chuvosa se tornava intransitável. Durante os anos 1990 os prefeitos investiram em infra-estrutura e a cidade se promoveu através de eventos festivos. São Tomé das Letras se tornou popular com turistas atraídos primeiramente pelas festas e arquitetura da cidade e logo pelas belezas naturais, marcadamente as cachoeiras, cavernas, *canyons* e paredões de pedra. A indústria de turismo local passou a direcionar mais atenção à exploração desses atrativos naturais. Atualmente os termos ‘ecologia’ e ‘ambientalismo’ se popularizaram entre os turistas de grandes

centros urbanos, preocupados com a preservação de ecossistemas ainda não comprometidos pela urbanização, especulação imobiliária ou industrialização. São Tomé das Letras incorporou esses termos ao seu discurso de promoção turística e já há algumas iniciativas dentro do município como projetos de utilização de sucata de lixo e dejetos de mineração para produção de artesanato. A cidade incorporou o ecoturismo como uma de suas principais atividades econômicas. Até o ano de 2002, o acesso à cidade ainda se dava por estrada de terra, o que limitava a vinda de turistas. Após a pavimentação, a cidade viu o número de visitantes triplicar em finais de semana comuns e dobrar nos eventos festivos específicos.

Durante pesquisa de campo realizada no ano de 2002, pude observar a Festa de Agosto, maior evento cultural-festivo do ano, que dura três dias e que, nesse ano, atraiu mais de 30.000 pessoas para assistir aos shows da cantora Elba Ramalho e de outras bandas regionais. A Festa de Agosto é a única grande festa anual de São Tomé das Letras. Todos os outros eventos (Carnaval, Páscoa e Halloween) atraem perto de 10% dos visitantes da Festa de Agosto. Durante essa Festa, a cidade é completamente tomada de visitantes. Vendedores ambulantes, em acordo com a prefeitura, alugaram vagas nas calçadas para vender de comida até produtos importados da China. Durante os dias de festas, restaurantes e cafés tiveram que contratar mais funcionários para suprir o grande aumento de clientes.

Caravanas de ônibus chegavam antes da primeira noite da Festa e pessoas lotavam todos os hotéis, pousadas da cidade e pousadas rurais, além das áreas de *camping*. Os shows aconteciam à noite e durante o dia as pessoas iam para as cachoeiras para se refrescarem do calor seco do Cerrado. As onze cachoeiras do município ficavam completamente cheias de turistas. À noite todos retornavam para o espaço urbano para assistir aos shows, comer e beber. No dia seguinte ao término da Festa,

podia-se notar o lado negativo do grande evento: vandalismo, depredação, lixo e sujeira. O lixo havia se espalhado por todos os cantos da cidade, pelas estradas e trilhas que levam às cachoeiras e no próprio lugar das quedas d'água e rios. Havia sacos plásticos presos nas árvores, garrafas de cerveja no chão e restos de comida e fogueira em diferentes pontos. O centro histórico dificilmente escapou pichação durante os dias de festa, apesar de nesse ano a cidade ter contado com mais de mil soldados da Polícia Militar de Três Corações, município vizinho que sempre oferece esse tipo de apoio durante esses eventos porque São Tomé das Letras não possui batalhão da Polícia Militar, somente posto de atendimento da Polícia Civil.

Esse lado negativo faz do ecoturismo algo não tão ecológico assim. Alguns empresários do turismo desconsideram esse fator em seu discurso dizendo que esse é um fato isolado e que só ocorre durante esses eventos festivos. Dizem também que o turista que visita a cidade em outros momentos possui consciência ecológica e preocupação com patrimônio histórico e natural. O período de festas é de fato o mais crítico, mas a falta de ação do governo local para estimular uma consciência ecológica entre os turistas contribui para o agravamento da situação.

Mesmo assim, o ecoturismo vem se consolidando como elemento catalisador de mudanças na política e economia local. O governo local (a prefeitura), antes comprometido exclusivamente com a atividade mineral e agrícola, agora tem que dividir sua atenção com o ecoturismo, em parte porque está ciente de que o turismo dentro do município traz divisas e ofertas de emprego. Assim, a prefeitura se empenha em sanar problemas de infra-estrutura da cidade para atrair mais turistas. A arrecadação de impostos e geração de renda com a mineração ainda é relativamente alta, mas essa atividade está lentamente entrando em um processo de declínio em decorrência da rápida diminuição das reservas de pedra. A prefeitura reconhece a necessidade de aumentar seu incentivo a outras atividades

econômicas que sejam mais sustentáveis ecologicamente (e economicamente também). O ecoturismo surgiu como essa alternativa sustentável pelos motivos que já venho delineando até aqui (Fleischer 2003).

A intensificação do ecoturismo no município gerou uma necessidade de ampliar serviços e infra-estrutura. Hoje a área urbana oferece um leque mais amplo de opções de hospedagem, alimentação e lazer. As atividades de ecoturismo incorporaram passeios guiados em *vans* e jipes, atividades de lazer como shows de rock no meio das pedras, competições de *motocross* e *mountainbiking*, passeios ciclísticos e vários pontos para prática de esportes “radicais” como *rappel*, canionismo, e asa delta. Todas essas atividades são associadas ao discurso de se estar em contato com o meio ambiente e estar construindo uma consciência ecológica.

A preservação e manutenção do acervo histórico tornaram-se outros elementos importantes a serem considerados pelo poder local, e políticas públicas passam a ser diretamente relacionadas ao bem estar desse patrimônio. Cidades históricas são passivas de sofrer consequências negativas da atividade turística.

The urban fabric of a historic city is thus both its key strength, in that this is what attracts tourists in the first place, and also its Achilles heel, in that its traditional structure was not designed to accommodate the pressures resulting from modern tourism. (Laws & Le Pelley 2000:232)

Laws & Le Pelley se referem à cidade histórica inglesa de Canterbury que é murada e muito diminuta em tamanho, situação semelhante ao caso de São Tomé das Letras. Canterbury sofre com engarrafamento, falta de estacionamento e suas edificações sofrem com a trepidação de dezenas de ônibus de excursão que visitam a cidade diariamente. O

número de turistas está além do que a cidade comporta e suas ruas e calçadas apresentam desgaste excessivo (Laws & Le Pelley 2000).

Em Minas Gerais, um exemplo seria a cidadela de Tiradentes, um dos principais destinos de turismo cultural de Minas Gerais, vem passando por um problema de escassez de água. A cidade, com rico patrimônio histórico, que atrai inúmeros visitantes todo ano, não atentou para ação ilegal de pousadas e hotéis-fazenda que perfuraram poços artesianos sem a anuência do poder público, contribuindo para a redução do nível de água que chega ao reservatório que abastece o centro histórico. Em São Tomé das Letras, outros problemas surgiram com o turismo. Não há escassez de água, mas existe um problema com a coleta e disposição do lixo, tratamento do esgoto, preservação e manutenção das fachadas de edifícios tombados e tombáveis. A cidade não possui sistema de tratamento de esgoto e por estar localizada em solo de pedra não é possível a adoção de fossas sépticas. O esgoto é canalizado e despejado em um dos rios que não pertence à coleção de atrativos ecoturísticos do município, ou seja, existe um sistema de classificação de paisagens dentro do município: elegem-se alguns rios para os turistas e outros para os dejetos. O lixo se acumula nos períodos de festas, porque a cidade só dispõe de um caminhão para a coleta, o que é suficiente em períodos de pouco movimento turístico. A disposição do lixo é feita em terreno fora da cidade, longe dos olhos do turista, mas seu impacto ao manancial hídrico já é sentido. A cidade não possui coleta seletiva ou estação de separação do lixo. Com o fluxo de turistas, coleta seletiva seria uma necessidade e poderia servir de importante instrumento de educação ambiental (Fleischer 2003) e até, em comparação com suas concorrentes diretas, de renovação da atratividade do local.

São Tomé das Letras possui acervo histórico tombado pelo IEPHA/MG. Apesar de possuir o acervo histórico de período posterior do Barroco mineiro, que não existe exemplo similar em cidades próximas

como Três Corações, Caxambu e Lavras, sua história não é representativa na região. Essa singularidade do patrimônio que justificou seu tombamento pelo IEPHA/MG. Os casarões e igrejas em São Tomé das Letras têm importante valor cultural, mas não estão presentes no imaginário popular dos que visitam a cidade como sendo importantes historicamente. Isso é uma situação muito interessante na análise do patrimônio. Os bens foram tombados pelo IEPHA/MG, mas nunca existiu um projeto de divulgação. O IEPHA/MG é um órgão sem recursos e se resume apenas a catalogar e incluir no Livro do Tombo de Minas Gerais os importantes bens patrimoniais. Assim, os moradores locais desconhecem o tombamento e não utilizam isso como motivo para fazer passeios guiados, donos de pousadas não recomendam uma visita aos prédios históricos, porque não sabem quais são. De acordo com Kirshenblatt-Gimblett (1995), o patrimônio histórico é divulgado e exportado como produto de consumo através do turismo e o turismo atua como uma indústria de exportação de valores, assim como uma indústria de importação de visitantes que virão consumir esses valores históricos, esses bens em exposição. Então ela defende que: “To compete for tourists, a location must become a destination, and heritage is one of the ways locations can do this” (1995:373).

Os que visitam a cidade, principalmente pela primeira vez, desconhecem o elemento histórico da cidade porque a propaganda de São Tomé das Letras ainda está vinculada a seus atrativos naturais e esotéricos. Como a cidade se fez popular na década de 1980 por seus atrativos naturais, os turistas que visitam São Tomé das Letras fazem pouca associação do lugar com elementos históricos. A cidade ficou conhecida por muitos anos apenas por suas características naturais. A associação com patrimônio ocorreu mais de vinte anos depois, e ainda não se popularizou na cosmologia da cidade. Mesmo assim, esse misticismo está mais vinculado à localização (no topo de uma montanha), ao ambiente físico

(pedras, rochas, montanhas, vales) e ao estilo de vida rústico, do que a historicidade do lugar. A formação de uma consciência da necessidade de preservar e conservar este patrimônio deve levar em consideração a preciosidade e fragilidade desse acervo histórico e a atualidade de leis e ações que visam sua preservação. O ecoturismo é também uma novidade e está vinculado a um discurso recente de conservacionismo, que prega a utilização racional de recursos naturais com o mínimo de impacto possível e a idéia de ‘retorno à natureza’, ao estágio onde o homem vivia em harmonia com o ecossistema ao seu redor. A falta de infra-estrutura em destinos de ecoturismo é o que os distingue de outros destinos de turismo tradicional. A forma como os destinos de ecoturismo são representados nos encartes de promoção vão auxiliar os turistas em sua escolha pelo próximo lugar a ser visitado (Zurick 1992:613). São Tomé das Letras distribui um encarte turístico que enfatiza as características naturais do município e o misticismo e esoterismo presentes na região. Desse encarte que muitas publicações tiram suas informações sobre história e geografia do lugar. O patrimônio histórico não é mencionado nessas publicações (veja, por exemplo, Russo n/a). A idéia de patrimônio histórico não é tão diferente disso. A combinação desse elemento de preservação e conservação deve compreender tanto o patrimônio histórico quanto o natural. Essa idéia de que natureza e história devem ser consideradas patrimônio surgiu ainda na década de 1920 com o Movimento Modernista que defendia a idéia de que toda nação se constitui através de elementos históricos, artísticos e também naturais. Paisagens, monumentos, obras de arte e edificações representam assim o patrimônio coletivo que compõe a idéia de nação (veja MEC/SPHAN 1980 e Canclini 1994). Seguindo essa lógica, o patrimônio em sua totalidade (natural, histórico e artístico, deve constituir parte integral do discurso de ecologia e sustentabilidade promovidos pelo ecoturismo e turismo histórico). As duas categorias ‘ecoturismo’ e ‘patrimônio’ são categorias novas no contexto de

São Tomé das Letras e estão sendo negociadas e definidas constantemente pelos diferentes atores sociais (moradores, turistas, empresários e órgãos governamentais). Empresários envolvidos com ecoturismo são responsáveis por definir como a atividade está sendo definida. A Câmara Municipal é responsável por inserir na discussão a categoria de patrimônio. Moradores discutem as implicações de respeitar o tombamento de suas casas. A prefeitura discute as implicações de impor sanções à atividade de mineração para que essa se conforme com as necessidades do ecoturismo e da preservação histórica.

A prefeitura de São Tomé das Letras tem se preocupado muito pouco com a preservação do patrimônio histórico da cidade. O poder local já tem consciência de que a preservação do patrimônio natural e histórico seja uma necessidade para a continuação do ecoturismo, mas pouco faz para conter a ação destrutiva da mineração, tendo em vista que toda e qualquer legislação nesse sentido irá tornar a exploração mineral cada vez mais insustentável. A mineração em São Tomé das Letras é de um tipo de pedra específico e já exige investimentos elevados para sua extração porque as jazidas estão cada vez mais profundas e as áreas de expansão cada vez mais limitadas. Pesa também sobre a decisão de tornar a mineração mais ecologicamente sustentável a manutenção da renda da população. Na cidade, a mineração ainda emprega quase 50% da mão-de-obra local e todas as ações do IBAMA de regulamentar a atividade e limitar seus impactos geraram demissões e redução de salários. Os empresários não estão dispostos em reduzir sua margem de lucro e a prefeitura não está disposta a perder sua arrecadação de impostos. A mineração é uma atividade econômica que está longe de ser ecológica. Em São Tomé das Letras, para que a mineração de quartzito seja feita de modo mais sustentável, seriam necessárias muitas adaptações ao processo de extração. Algumas alterações seriam: (1) a não utilização de dinamite, que implicaria em sua substituição por maquinário especiali-

zado, de alta tecnologia; (2) a eliminação de montes de dejetos (as montanhas quadradas) por processo de britagem, que tritura os dejetos em pequenos grânulos ou em fino pó que podem ser usados como substituto ou aditivo da areia na construção civil; (3) colocação de filtros e represas de contenção para que os dejetos mais finos não assoreiem rios e córregos; (4) a instauração de planos de recuperação de mata nativa através de reflorestamento; e (5) construção de vias alternativas de escoamento da produção mineira para evitar a circulação de caminhões pesados pelas ruas da cidade. Essas alterações já foram propostas em diferentes momentos, mas o altíssimo custo simplesmente inviabilizou a sua implementação. As pedreiras da cidade são empresas locais, e não arrecadam o suficiente para custear essas mudanças. A manutenção do *status quo* em relação à mineração tem relação com a necessidade de manter empregos na cidade. Essa disputa entre mineração e meio ambiente também se tornou uma disputa de classes, entre moradores recentes que são donos de empreendimentos de turismo e moradores mais antigos que trabalham nas pedreiras.

O ecoturismo vem se estabelecendo como potente fonte alternativa de geração de renda e impostos, mas ainda não superou a atividade de extração mineral. Além disso, o ecoturismo escapa das mãos dos governantes e elites locais porque está quase que inteiramente nas mãos de pessoas de fora da cidade. Assim, as tradicionais estruturas de poder são desconstruídas pelo ecoturismo. A agricultura e mineração ainda possuem estruturas hierárquicas entre funcionários ou operários e os donos das terras e das minas de pedras. O turismo em São Tomé das Letras se estrutura na prestação de serviços, que pode ser mais inclusiva e menos hierárquica que as outras duas atividades econômicas. Mas isso não significa a ausência de divisões de trabalho e de poder. A escolarização das pessoas em idade adulta no município ainda é baixa (ensino fundamental) se comparada com os novos moradores que estão estabelecendo

o setor de turismo e ecoturismo no município. Estes, em sua maioria, possuem curso superior. Mas isso não é só, eles também trazem experiência profissional de gerência e administração de negócios, além de capital de giro para investir em São Tomé das Letras. É provável que essas disparidades de escolarização, capacitação profissional e disponibilidade de capital vão manter os novos moradores em posições de controle e a população local em posições subalternas (como foi observado em diversos estabelecimentos ainda em 2002). Mesmo assim, os moradores locais, principalmente os que abandonaram a agricultura e mineração, reconhecem que os ganhos (pessoais) oferecidos pelo turismo já são superiores aos das outras atividades e as condições são melhores.

A preservação do patrimônio é importante para o turismo, mas em São Tomé das Letras ainda se prioriza a extração mineral. Como na maioria das cidades de Minas Gerais que tem na extração mineral sua principal fonte de renda (IBGE 2000), a preservação do patrimônio histórico, arqueológico, artístico, cultural, natural e paisagístico ainda fica em segundo plano. Esses municípios ainda focalizam no desenvolvimento econômico proporcionado pela mineração e a transição será lenta até que o turismo e ecoturismo local tenham sustentabilidade econômica, com lucros superiores ao obtidos com a atividade de mineração.

Ecoturismo e preservação do patrimônio ambiental e histórico ainda são palavras novas no vocabulário do governo local e da população do município. A prefeitura ainda está em processo de adaptação para incorporar o ecoturismo como parte do seu discurso de desenvolvimento sustentável. A iniciativa continua sendo do setor privado que oferece serviços nessa área. Entretanto, cabe ao poder público regulamentar a atividade para que não haja degradação ao meio ambiente ou ao patrimônio local. A assembléia legislativa tem se preocupado com a atividade do ecoturismo. Em São Tomé das Letras, alguns vereadores vêm polarizando as discussões para a questão da preservação do patrimônio local.

O governo do estado de Minas Gerais tem incentivado os municípios com potencial turístico a traçarem um plano de exploração turística e desenvolverem programas que visem o turismo sustentável. Para isto, o governo estadual mapeou o estado classificando regiões com potencial turístico. São Tomé das Letras passou então a constar nos roteiros turísticos do estado de Minas Gerais e da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). Depois de quase perder o título de “município com potencial turístico” por causa da falta de interesse de um ex-prefeito em controlar a degradação continuada ao patrimônio histórico local; a cidade passou a receber uma pequena verba da EMBRATUR para investir em projetos turísticos. Para conter os impactos da mineração, o ecoturismo tem apenas o apoio de órgãos ambientais estaduais (como a Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEAM) e federal (como o IBAMA). Mas a aplicação de legislação ambiental estadual e federal precisa contar com o apoio do governo municipal para que tenha um valor efetivo.

O Brasil possui uma legislação ambiental muito avançada e completa. Incorpora questões pertinentes a todas as áreas de desenvolvimento econômico, propõe iniciativas interessantes de educação ambiental, sugere penalidades severas, entre outros. No entanto, a questão ambiental no Brasil ainda é tratada de forma marginal pelas diferentes instâncias governamentais e as normas e regulamentos ambientais ainda não são utilizados como formas eficazes de minimizar os impactos, ou de promover a exploração sustentável do ecoturismo. Todas as propostas de desenvolvimento de atividades econômicas como o ecoturismo ou turismo histórico-cultural, consideradas pouco nocivas para o meio ambiente se comparadas com atividades como a mineração ou agricultura, podem ter impactos diretos (e às vezes irreversíveis) se não houver um plano de manejo e um monitoramento constante das atividades por órgãos fiscalizadores competentes. O ecoturismo não pode se desenvolver de forma adequada se tiver que competir pelos mesmos recursos e

atrativos que outras atividades econômicas. A mineração é a atividade econômica mais incompatível com o turismo e, no caso de São Tomé das Letras, está destruindo atrativos naturais (paisagem e patrimônio) e gerando pressão sobre recursos naturais usados pelo ecoturismo local (água e vegetação).

O ecoturismo em São Tomé das Letras não possui um plano de manejo adequado, mas outros aspectos permitem um desenvolvimento controlado: (1) o número de turistas que visitam o município em busca de contato com o meio ambiente é constante ao longo do ano, exceto em momentos festivos, quando há uma maior concentração de visitantes; (2) as cachoeiras estão parcialmente dentro de propriedades privadas o que limita o acesso a alguns trechos do rio que os proprietários podem decidir limitar o acesso de visitantes; e (3) os hotéis e pousadas estão concentrados no espaço urbano e longe das cachoeiras, trilhas, cavernas e paredões. No entanto vale ressaltar que alguns proprietários rurais já estão aproveitando economicamente do ecoturismo, cobrando taxas de acesso às cachoeiras em suas propriedades. Isso pode ao longo prazo, estimular uma exploração demasiada desse tipo de atrativo, criando novos riscos à sua sustentabilidade.

Em suma, ao analisarmos atividades como o turismo, a mineração e a agricultura, e seus impactos sobre esse município do sul de Minas Gerais, podemos refletir sobre alguns pontos importantes. O ecoturismo tem surgido como principal alternativa às outras economias locais, como a mineração que não consegue se adequar às novas exigências ambientais, e a agricultura e pecuária que hoje estão em forte processo de estagnação. O ecoturismo também representa o interesse maior do Estado de transformar a localidade em pólo turístico com atrativos específicos. Conseqüentemente, o ecoturismo vem causando importantes transformações socioeconômicas e culturais nessa localidade. O patrimônio histórico e natural vem sofrendo fortes impactos com o aumento de visi-

tantes e com a falta de manejo de áreas vulneráveis como cachoeiras, grutas, pinturas rupestres. Os novos visitantes contribuem diretamente para a o problema de manutenção do patrimônio histórico da cidade com vandalismo e depredação e para o problema ambiental com lixo. Assim, São Tomé das Letras é um exemplo paradigmático de municípios que vêm tentando se adaptar à nova legislação ambiental sem interromper sua atividade turística e de exploração mineral. O ecoturismo é uma atividade muito maleável e de fácil adoção: os investimentos iniciais são pequenos (se comparados com outros tipos de turismo) e o retorno econômico direto é quase imediato. A sustentabilidade dessa atividade depende diretamente de uma atividade conjunta entre sociedade civil, governo local e empresários na implementação de políticas públicas que estimulem o desenvolvimento de atividades que sejam econômica e ambientalmente sustentáveis. O econômico e o ecológico podem ser associados, tornando o “éca! Turismo!” em ecoturismo.

Comentário final

Como observador participante, através de pesquisa etnográfica em São Tomé das Letras, onde permaneci por três meses consecutivos de janeiro a março, quando pude observar o Carnaval e a Páscoa, e depois alguns finais de semana específicos para acompanhar certos eventos festivos (a Festa de Agosto e o Halloween), adquiri uma postura específica sobre como o ecoturismo está sendo desenvolvido nessa localidade. Como atividade econômica, o ecoturismo em São Tomé das Letras está contribuindo para aumentar a renda per capita da população. Apesar de existirem divergências entre moradores, todos estão participando, direta ou indiretamente no desenvolvimento do ecoturismo. Pedreiros con-

stroem quartos atrás de suas casas para hospedarem visitantes, senhoras aposentadas oferecem pensão e refeições aos visitantes, e os novos moradores investem em pousadas, hotéis, restaurantes, cafés, bares e boates. O ecoturismo foi em São Tomé das Letras uma iniciativa de base. Os investimentos iniciais foram de novos moradores, mas eles investiram na cidade, trouxeram capital de giro para impulsionar essa nova atividade econômica e depois captação de recursos para o município provenientes do governo estadual. O governo local por muitos anos se manteve distante do ecoturismo por estar muito envolvido com a mineração. Os prefeitos dos últimos 20 anos eram donos ou sócios de empresas mineradores.

A cidade está construindo lentamente seu nome dentro do circuito turístico de Minas Gerais e buscando estabelecer características que conferem autenticidade ao novo destino ecoturístico. Mas ainda falta muito que se fazer em relação ao patrimônio histórico. Muitas fachadas de edifícios tombados pelo IEPHA/MG foram desfiguradas e muitos passos coloniais estão em estágio de degradação avançado, com poucas chances de recuperação. O ecoturismo em São Tomé das Letras possui sustentabilidade econômica e ambiental se comparado com a mineração, porque exerce um impacto desprezível sobre os atrativos naturais e está gerando mais renda para a população.

Ecoturismo é uma alternativa econômica que vem ganhando popularidade em diversas localidades do interior do Brasil. Exige pouco investimento e tem retorno rápido. Tem potencial de empregar pessoas no local e diminuir a desigualdade de renda em pequenos municípios. Mas ainda necessita muita adaptação para que o desenvolvimento seja ecologicamente correto e para que não reproduza estruturas de poder desiguais como faz a agricultura, pecuária e mineração.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. 1983. *Simulations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DAHLES, Heidi & KEUNE, Lou. 2002. *Tourism Development and Local Participation in Latin America*. New York: Cognizant Communication.
- CANCLINI, Néstor García. 1994. "O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional." *Revista do Patrimônio*, 23:95-115.
- CLIFFORD, James. 1985. "Objects and Selves: An Afterword." In STOCKING Jr. George W. (ed.): *Objects and Others: Essays on Museum and Material Culture*, pp. 236-46. (History of Anthropology) Madison: The University of Wisconsin Press.
- FLEISCHER, David Ivan Rezende. 2000. *Arqueologia em Lagoa Santa: tendão de Aquiles ou cabelo de Sansão*. (monografia de graduação) Brasília: UnB.
- _____. 2003. *São Tomé das Letras: Uma etnografia de “ver para crer”*. (dissertação de mestrado) Brasília: UnB.
- HONEY, Martha. 1999. *Ecotourism and Sustainable Development: Who Owns Paradise?* Washington: Island Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2000. <http://www.ibge.gov.br>
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. 1995. "Theorizing Heritage". *Ethnomusicology*, 39(3):356-80.
- LAWS, Eric & LE PELLEY, Barbara. 2000. "Managing Complexity and Change in Tourism: The Case of a Historic City." *International Journal of Tourism Research*, 2:229-46.
- MACCANNELL, Dean. 1999. *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Berkeley: University of California Press.
- MCLAREN, Deborah. 2003. *Rethinking Tourism and Ecotravel*. 2nd edition. Bloomfield: Kumarian Press.
- MEC/SPHAN-PróMemória. 1980. *Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil: uma trajetória*. Brasília: MEC/SPHAN-PróMemória.
- PANIAGUA, Angel. 2002. "Urban-Rural Migration, Tourism Entrepreneurs and Rural Restructuring in Spain." *Tourism Geographies*, 4(4):349-71.

- ROJEK, Chris & URRY, John. 1997. *Touring Culture: Transformations of Travel and Theory*. New York: Routledge.
- RUSSO, Marcelo. n/a. Revista Turismo – São Tomé das Letras. (revistaturismo.cidadeinternet.com.br/Ecoturismo/stomeletras.htm; acessado em 08/02/2007)
- SMITH, Valene & EADINGTON, William. 1995. *Tourism Alternatives: Potentials and Problems in the Development of Tourism*. New York: John Wiley and Sons.
- TUCKER, Josiah. (1757). *Instructions for Travelers*. New York: Johnson Reprint Corporation.
- VIVANCO, Luis A. 2001. "Spectacular Quetzals, Ecotourism, and the Environmental Futures in Monte Verde, Costa Rica." *Ethnology*, 40(2):79-92.
- WEST, Paige & CARRIER, James. 2004. "Ecotourism and Authenticity: Getting Away from It All?" *Current Anthropology*, 45(4):483-98.
- ZENNER, Walter. 2002. "Beyond Urban and Rural: Communities in the 21st Century." In GMELCH, George & ZENNER, Walter (eds.): *Urban Life: Readings in the Anthropology of the City*, pp. 53-60. Prospect Heights: Waveland Press.
- ZURICK, David N. 1992. "Adventure Travel and Sustainable Tourism in the Peripheral Economy of Nepal." *Annals of the Association of American Geographers*, 82(4): 608-28.

Recebido em setembro de 2006

Aprovado para publicação em dezembro de 2006